

ECOFEMINISMO, ETNOFARMACOLOGIA E MEDICINA POPULAR: SABERES ANCESTRAIS COMPROVADOS CIENTIFICAMENTE.

Ecofeminism, ethnopharmacology and folk medicine: scientifically proven ancestral knowledge

Willian de Souza Verçosa¹
Ana Rafaelly Eugênio de Lima²
Erinaldo Calixto da Silva³
Jocelyne Maria Ventura Silva³

RESUMO

Esta pesquisa relaciona ecofeminismo, etnobotânica e etnofarmacologia, com o objetivo de evidenciar e dar destaque às mulheres que mantêm e transmitem os saberes populares relacionados ao uso de plantas medicinais, preservando os conhecimentos ancestrais que podem ser repassados entre gerações, corroborando cientificamente suas aplicabilidades. A pesquisa, desenvolvida com alunas do CEJA João Ricardo da Silveira, escola localizada na cidade de Quixadá – CE, fundamentou-se principalmente nas obras Andrade [2012], Mota [2023] e Vieira e Azevedo [2018]. Com abordagem qualitativa, foram realizadas ações, tais como aplicação de questionários, entrevistas, aula de campo e minicurso. A elaboração de um opúsculo denominado “Saberes Medicinais das Alunas do CEJA” e a criação de um espaço de cultivo de plantas medicinais no próprio ambiente escolar surgiram como resultado da pesquisa. Assim, o conhecimento de mulheres sobre a temática em questão que poderia ser perdido tem, agora, o registro que facilitará a circulação desses saberes entre gerações. Além disso, a construção do espaço de cultivo medicinal funcionará como um espaço educativo e de uso curativo por parte da comunidade

ABSTRACT

This research connects ecofeminism, ethnobotany, and ethnopharmacology, aiming to highlight the women who maintain and transmit popular knowledge related to the use of medicinal plants. It emphasizes the preservation of ancestral knowledge for future generations and seeks scientific corroboration of its applications. The study, conducted with students from CEJA João Ricardo da Silveira, a school in Quixadá, Ceará, Brazil, was primarily based on the works of Andrade [2012], Mota [2023], and Vieira and Azevedo [2018]. Employing a qualitative approach, the research involved questionnaires, interviews, a field trip, and a mini-course. The creation of a booklet titled “Medicinal Knowledge of CEJA Students” and the establishment of a medicinal plant cultivation space within the school environment were key outcomes. Consequently, the knowledge of these women, which might have been lost, is now documented, facilitating the circulation of this knowledge across generations. Furthermore, the medicinal garden will serve as an educational space and a source of healing for the school community. In this sense, the research fostered female empowerment, from the publication of ancestral knowledge to its extension for school well-being.

1. Mestre em Ensino de Física pelo programa de Mestrado Nacional Profissional em Ensino de Física [MNPEF] da Universidade Estadual do Ceará [UECE]. Professor de Física e Laboratório Educacional de Ciências no CEJA João Ricardo da Silveira.

2. Especialista em Ensino de Química pela Faculdade Única de Ipatinga [FUNIP]. Professora de Química no CEJA João Ricardo da Silveira.

3. Estudante da 2ª série do ensino médio no CEJA João Ricardo da Silveira.

escolar. Neste sentido, a pesquisa favoreceu o empoderamento feminino desde os saberes ancestrais publicados até a extensão ao bem-estar escolar.

Keywords: *Ethnobotany. Empowerment. Equity. Visibility.*

Palavras-chave: Etnobotânica. Empoderamento. Equidade. Visibilidade.

1 INTRODUÇÃO

Mulheres e meio ambiente tiveram ao longo da história maior proximidade em comparação aos homens, principalmente no aspecto dos fazeres relacionados aos cuidados familiares e proteção ambiental. Os espaços de ocupação masculino e feminino são delimitados de formas diferentes, pois os homens adquiriram com o passar do tempo maiores destaques e privilégios, enquanto as mulheres, maiores responsabilidades e menores reconhecimentos por suas atividades. (Mota, 2023).

Uma das pautas do movimento feminista é reivindicar o espaço feminino na sociedade, visto que o sistema patriarcal impõe às mulheres a submissão ao homem, assim, muitos dos conhecimentos femininos foram anulados ao longo da história (Mota, 2023). Na terceira onda feminista, surgiu o movimento ecofeminista que reconhece o feminino como figura central para o cuidado de suas famílias, dessa forma, ao longo do tempo, essas construíram saberes relacionados ao plantio para alimentação e fins medicinais. (Vieira; Azevedo, 2018)

Diante da dominação masculina sobre a natureza e da opressão feminina, surgiu em 1974 o ecofeminismo (Mota, 2023), que reconhece as mulheres como as principais agentes na obtenção de recursos naturais para a subsistência de suas famílias, assim como os saberes relacionados às técnicas de plantio, adquiridos devido a imposição patriarcal que atribuiu ao feminino trabalhos relacionados aos cuidados com seus familiares, contribuindo de forma direta na relação das mulheres com as plantas medicinais. (Vieira; Azevedo, 2018).

A etnobotânica é uma ciência que visa compreender como as plantas podem ser utilizadas por diferentes grupos étnicos, seja na forma alimentícia, ornamental, paisagística ou medicinal, estando esta relacionada a etnofarmacologia, ramo que estuda os ativos fitoquímicos das plantas. Um dos princípios da etnobotânica é o respeito e a valorização dos conhecimentos ancestrais repassados ao longo das gerações, associando-se às práticas de técnicas de conservação ambiental (Pereira, 2023); (Vieira; Azevedo, 2018).

Com base nesse estudo, questionou-se de que maneira o ecofeminismo e a etnofarmacologia poderiam auxiliar na transmissão de saberes relacionados ao cultivo e utilização de plantas medicinais dando visibilidade às mulheres e aos conhecimentos sobre medicina popular resguardados ao longo de gerações?

Neste contexto, a pesquisa relacionou o ecofeminismo, a etnobotânica e a etnofarmacologia, com o objetivo geral de evidenciar e dar destaque às alunas do CEJA que transmitem e mantêm de forma usual os saberes populares relacionados ao uso de plantas medicinais, que muitas vezes se torna um fazer invisível e sem credibilidade.

Os objetivos específicos da pesquisa foram: Propagar conhecimentos populares, embasados em uma vertente do ecofeminismo, resguardados por alunas do CEJA João Ricardo da Silveira que estão associados às práticas de cultivo e utilização de plantas medicinais; Preservar o saber repassado ao longo de gerações por mulheres que utilizam a medicina popular para cuidar de seus familiares; Socializar saberes ancestrais da medicina popular atrelados a comprovações científicas intermediados pela etnofarmacologia, por meio da elaboração e divulgação de um opúsculo.

No intuito de reconhecer, valorizar e disseminar o conhecimento e o protagonismo de nossas alunas, notou-se a necessidade de desenvolver um produto que possa gerar visibilidade ao saber feminino e garantir o repasse de forma segura de informações relacionadas ao uso das plantas medicinais, ressaltando sua comprovação científica para fins medicinais. Em consonância, foi criado um espaço de cultivo na escola para atender as demandas da comunidade escolar que surgiram ao longo da pesquisa.

Em seguida, na fundamentação teórica, verificam-se os principais embasamentos bibliográficos desta pesquisa; Na metodologia, abordaremos os métodos e o desenrolar das ações que foram realizadas; Em discussão e análises de resultados, expusemos, em conjunto da escrevedura, gráficos e figuras para auxiliar na compreensão do que obtivemos; E por fim, teremos as considerações finais sobre a pesquisa.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Durante a passagem entre a segunda e terceira onda do feminismo, surgiu o termo ecofeminismo (que tornou-se posteriormente um movimento). Esse tem a pretensão de pesquisar a interconexão entre o feminismo e a ecologia, evidenciando a ligação das mulheres com o meio ambiente. No planeta existem várias vertentes ecofeministas, porém, todas buscam relacionar o pensamento ecológico à pautas do movimento feminista (Mota, 2023).

O ecofeminismo, busca estabelecer a equidade de gênero respeitando o meio ambiente, possui três vertentes principais: clássica, espiritualista e a construtivista, sendo a clássica abordada neste trabalho. Nesse cenário acontece oposição às práticas patriarcais realizadas ao longo da história por meio da sensibilidade feminina voltada para o cuidado e sua capacidade de conservação ambiental, fatores que são determinantes para o empoderamento (Mota, 2023).

A interconexão entre feminismo e ecologia busca destacar que as mulheres são detentoras dos saberes relacionados aos cuidados e sustento familiar que vão desde as técnicas de cultivo à utilização de recursos naturais, incluindo o contato com as plantas medicinais que garantem o sustento e bem estar de seus familiares. (Vieira; Azevedo, 2018).

De acordo com Andrade (2012) desde a antiguidade as plantas medicinais adquiriram uma considerável importância na medicina popular devido suas propriedades terapêuticas. Em muitas localidades este conhecimento medicinal é o único meio de se obter recursos terapêuticos para determinados sintomas de doenças, por este motivo, muitas comunidades e grupos étnicos acumularam por muitos anos estes saberes que são a base para a evolução da arte da cura e do conhecimento científico.

Para relacionar o saber popular, conhecimento científico e o vínculo dos seres humanos com a natureza, destaca-se a etnobotânica que evidencia essa inter-relação:

A etnobotânica é a ciência que estuda o vínculo entre o ser humano e as plantas baseando-se no conhecimento tradicional adquirido pela população por meio da relação direta com os recursos ambientais (Rocha et al. 2015). Esta ciência está baseada em conhecimentos de história, antropologia, ecologia, farmacologia, entre outros, como uma forma de melhoria na qualidade de vida, além de resgatar valores culturais e socioeconômicos, passados de geração em geração, fundamentais para a manutenção da biodiversidade. (Vieira; Azevedo, pág. 180, 2018).

Segundo Andrade (2012), a etnobotânica visa o fortalecimento do saber popular por meio da linguagem científica, ou seja, corrobora para que os elementos culturais de um povo possam servir de base para o desenvolvimento de novos fármacos que garantem um bem-estar e melhor qualidade de vida.

Vale ressaltar que a etnobotânica encontra-se interligada à etnofarmacologia, ciência que busca pesquisar os princípios ativos presentes nas plantas com base nos estudos etnobotânicos (Pereira, 2023). As plantas podem apresentar compostos químicos, que isoladamente ou em conjunto resultam em efeitos sinérgicos promovendo atividades farmacológicas. Os compostos podem ser usados em tratamentos de doenças crônicas, mas em consonância com as propriedades biológicas das plantas, pois o uso incorreto desses fitoquímicos podem culminar em toxicidade, por isso a importância de estudos farmacológicos embasados em pesquisas etnobotânicas (Souza et. al. 2017).

3 METODOLOGIA

A presente pesquisa foi desenvolvida em Quixadá-CE, com estudantes e profissionais do CEJA João Ricardo da Silveira. As principais obras de embasamento para a pesquisa foram: A relevância do Ecofeminismo: as políticas públicas voltadas à mulher brasileira, 2023, de Maria Cecília de Moura Mota; A etnobotânica e o

ecofeminismo em prol da conservação ambiental, 2018, de Vieira e Azevedo; e o Estudo etnobotânico de plantas medicinais na comunidade Várzea Comprida dos Oliveiras, Pombal, 2012, de Andrade *et. al.*

Para encontrar trabalhos que pudessem auxiliar no desenvolvimento desta pesquisa, realizou-se investigações nas plataformas: Google Acadêmico⁵, SciELO⁶ e Scopus⁷. No qual, foram utilizados os seguintes termos de busca: ecofeminismo, etnofarmacologia e etnobotânica e suas respectivas aplicações.

Diante dos trabalhos científicos selecionados, elaborou-se o escopo de ações a serem desenvolvidas:

Quadro 1 – Ações projetadas e realizadas.

ações projetadas e realizadas
Participação em formações sobre metodologia e pesquisa científica
Aplicação e análise de questionários sobre o cultivo e uso de plantas medicinais e doenças mais recorrentes conforme relatos da comunidade escolar;
Oficina sobre Ecofeminismo, Etnobotânica e Etnofarmacologia; Aula de campo sobre Etnobotânica e Etnofarmacologia;
Roda de conversa sobre saberes populares relacionados ao cultivo e utilização de plantas medicinais;
Entrevistas de alunas com foco em seus saberes ancestrais sobre a medicina popular;
Minicurso sobre a correta utilização de plantas medicinais na preparação de infusões, tinturas, lambedores, emplastro, entre outras técnicas;
Cultivo de algumas espécies de plantas medicinais no ambiente escolar para auxiliar no tratamento das principais queixas relatadas pela comunidade da escola.

Fonte: Autores (2024).

Com abordagem qualitativa, conforme Mineiro (2022), foram realizadas ações, tais como aplicação de questionários, entrevistas, aula de campo e minicurso. As alunas participantes, assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) para divulgação permitida de áudio e imagem. Os questionários respondidos pelas estudantes foram analisados, enquanto as entrevistas, foram transcritas para compor o opúsculo sobre a partilha de saberes sobre plantas medicinais e dicas usuais de aplicações.

Utilizamos as respostas dos questionários como conteúdo prévio para a elaboração das ações seguintes. O questionário sobre conhecimento de plantas medicinais serviu para comprovarmos a possibilidade de realizar a pesquisa na escola, enquanto o da sintomatologia da comunidade escolar, foi utilizado para

5. Endereço: <https://scholar.google.com.br/>

6. Endereço: <https://www.scielo.br/>

7. Endereço: <https://www.scopus.com/>

definirmos quais seriam as ervas escolhidas para a produção do espaço de cultivo na escola, com finalidade de buscar tratar brevemente os principais sintomas relatados pela comunidade escolar.

A roda de conversa 'Partilhando saberes sobre plantas medicinais', contou com a participação especial da professora Vaneicia Gomes, do curso de Biologia da FECLESC/UECE⁸, um momento pensado para compartilhamento de experiências e coleta de informações de possíveis participantes para as entrevistas que compuseram o produto final desta pesquisa.

Com o intuito de comprovar a interligação da medicina popular com a etnofarmacologia e ampliar os saberes das discentes do CEJA, buscou-se parceria com o curso de Farmácia da Unicatólica, realizando uma aula de campo, no horto, e um minicurso, no laboratório, ambos ministrados pela professora Cinara Vidal e as alunas da Liga Acadêmica de Fitoterapia de Francisco José de Abreu Matos [Lafitam].

Para enfatizar os saberes resguardados pelas mulheres ao longo de gerações, elaborou-se um opúsculo com versões digital e impressa intitulado: "Saberes Medicinais das Alunas do CEJA", contendo relatos das estudantes que expressam seus conhecimentos e suas relações com as plantas medicinais.

A partir da realização de entrevistas, percebeu-se que muitas alunas apresentam em seu contexto familiar o hábito de tratar enfermidades pela utilização de chás, lambedores, cozimentos, dentre outras formas de preparo das ervas medicinais utilizadas por mulheres para o cuidado da saúde de seus familiares ao longo das gerações. Para enriquecer os saberes ancestrais expostos pelas alunas, acrescentou-se ao opúsculo embasamentos científicos, corroborando as propriedades fitoquímicas das ervas medicinais usadas pelas estudantes.

4 DISCUSSÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS

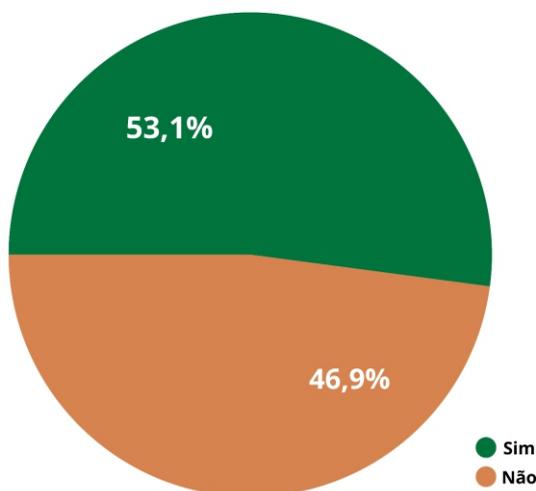
Em várias regiões o uso de plantas medicinais é a alternativa mais viável para solucionar as enfermidades, na maioria das vezes esses conhecimentos sobre plantas são repassados de forma oral, pela hereditariedade (Madeira; Lima, 2015). As mulheres exercem o protagonismo desse legado ao repassar seus conhecimentos para as próximas gerações. Em decorrência desse repasse ser verbal é comum que possa haver a perda gradual dessas informações, por isso, a etnobotânica busca resgatar os saberes populares que vem de gerações passadas, associando com a prática de técnicas de conservação ambiental (Vieira; Azevedo, 2018).

Baseado nesses estudos, foi aplicado um questionário, no qual 64 discentes do CEJA responderam, com o

8. Faculdade de Educação, Ciências e Letras do Sertão Central (FECLESC), polo da Universidade Estadual do Ceará (UECE)

objetivo de identificar os conhecimentos prévios das alunas acerca de plantas medicinais e buscar verificar a origem da ancestralidade de seus saberes. Conforme mostrado no gráfico 1, cerca de 34 [53,1%] das participantes não cultivam plantas medicinais, ou seja, demonstra que essa parcela pode até conhecer sobre plantas medicinais, mas não cultivam em suas residências. Em contrapartida, 30 [46,9%] alunas responderam que cultivam algum tipo de planta medicinal em casa.

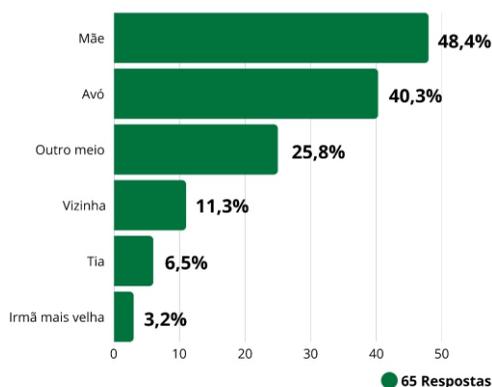
Gráfico 1 – Cultivo de plantas por parte das mulheres.
Você cultiva alguma planta medicinal em casa?



Fonte: Autores (2024).

Em análise do Gráfico 2, observa-se que 55 mulheres afirmam que os saberes adquiridos são oriundos da Avó e da Mãe. Vale destacar que as respostas deste gráfico poderiam ter mais de uma opção mencionada. Tal fato possibilitou a demonstração de que algumas tiveram contato com os saberes através das figuras maternas e paternas, enquanto a maioria obteve apenas de públicos femininos.

Gráfico 2 – Origem do conhecimento sobre plantas medicinais por parte das mulheres.
Quem te incentivou ou com quem você aprendeu a utilizar essa(s) planta(s) para essa finalidade?



Fonte: Autores (2024).

O Gráfico 2 ainda demonstra o que o ecofeminismo afirma na vertente clássica: mulheres possuem mais contato com a natureza em comparação aos homens, considerando o aspecto dos costumes relacionados aos cuidados familiares e a proteção ambiental. (Mota, 2023).

Em seus estudos, Andrade (2012) enfatiza que a etnobotânica possui potencial para resgatar e atribuir valor aos saberes que estão sendo perdidos com o passar do tempo, já que o conhecimento tradicional sobre a utilização das plantas medicinais em localidades estudadas é repassado e construído através da oralidade dos habitantes.

Nesse sentido, referenciado pelos estudos do ecofeminismo e da etnobotânica, foi construído um dos produtos do projeto, o opúsculo “Saberes Medicinais das Alunas do CEJA”, elaborado em depoimentos coletados durante as entrevistas e nas pesquisas científicas sobre as ervas citadas pelas alunas. Nos embasamos em Sales (2015) para sua produção, pois o autor mostra que os estudos sobre a etnobotânica e etnofarmacologia tomam ainda uma importância maior, quando relatam que muitos dos conhecimentos tradicionais estão sendo perdidos ao longo do tempo, seja pelo extermínio de alguns povos que não deixaram registros escritos ou pela introdução de novos hábitos pelas sociedades modernas. Nesse sentido, o opúsculo serve tanto para empoderar essas mulheres, como para preservar seus conhecimentos que são passados de forma ancestral.

Figura 1 – Opúsculo “Saberes Medicinais das Alunas do CEJA”.

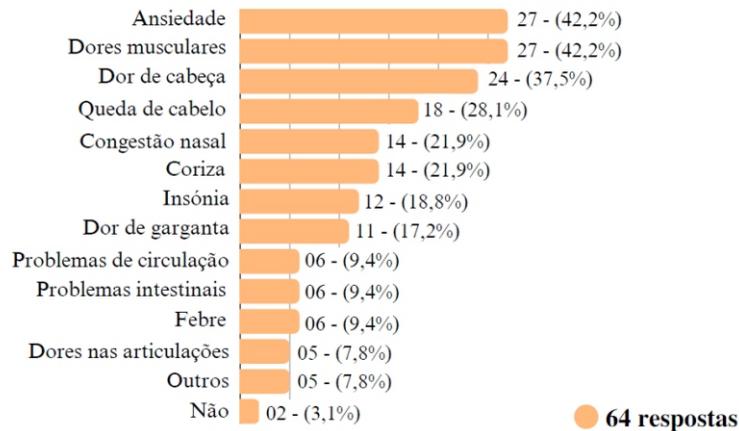


Fonte: Autores (2024).

Em outro momento do andamento do projeto, foi aplicado um segundo questionário com intuito de averiguar como estava a saúde da comunidade escolar, onde houveram 65 respondentes. O gráfico 03, que é referido a sintomatologia da comunidade escolar, mostrou que a maioria dos participantes têm adoecido de forma frequente. Dentre os sintomas mais recorrentes estão: ansiedade, dores musculares pelo corpo, dor de cabeça e problemas nasais.

Gráfico 3 – Sintomatologia da comunidade escolar.

Caso você tenha adoecido de forma frequente, qual(is) dos principal(is) sintoma(s) você tem sentido?

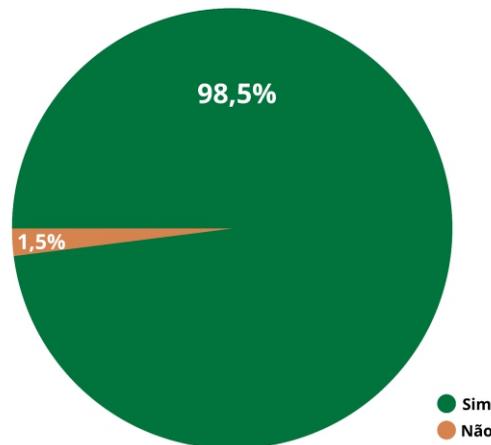


Fonte: Autores (2024).

O gráfico 4 demonstra que a maioria da comunidade escolar possuía interesse em utilizar plantas medicinais com o intuito de atenuar as sintomatologias evidenciadas no gráfico 3. Dos 65 participantes, apenas uma pessoa (1,5%) reprovou a utilização das ervas, enquanto 64 (98,5%) entraram em consonância da aprovação do uso.

Gráfico 4 – Opinião da comunidade escolar sobre uso de plantas.

Você tem interesse em fazer uso de plantas medicinais para auxiliar no tratamento dos sintomas mencionados anteriormente?



Fonte: Autores (2024).

A partir dos dados obtidos, foi pensado e produzido um espaço de cultivo com plantas medicinais no CEJA. As espécies cultivadas até então no ano de 2024 foram: erva-cidreira [*Lippia alba* (Mill.)], capim limão [*Cymbopogon citratus*] e hortelã [*Mentha*]. Visto que, a erva-cidreira do tipo *Lippia alba* (Mill.) possui ação ansiolítica [Silva et al., p. 4, p. 11, 2020] e anti-hipertensiva [Souza et al., p.94, 2017]. O capim limão possui propriedades anti-hipertensivas e calmante [Souza et al., p.94-95, 2017]. Enquanto que o hortelã apresenta

potencial digestivo, atividades carminativas e auxilia no alívio de dores musculares [Bortoluzzi *et al.*, p. 7-9, 2020].

Desta forma, o objetivo geral do projeto foi atingido. Com a criação do espaço de cultivo das plantas medicinais no CEJA, foi possível beneficiar a comunidade escolar. A produção do opúsculo permitiu evidenciar e dar destaque às mulheres que muito fazem e merecem ser reconhecidas, além de repassarem seus saberes ancestrais.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa, fundamentada nos estudos do ecofeminismo, da etnobotânica e da etnofarmacologia, se solidificou em ações práticas, evidenciando conhecimentos de mulheres que poderiam ser perdidos, favorecendo o empoderamento feminino e comprovando saberes ancestrais pela ciência, mostrando-se um caminho prazeroso e dinâmico com resultados significativos.

Alcançamos os objetivos da pesquisa ao evidenciar e dar destaque, através da publicação do opúsculo, às alunas do CEJA que transmitem seus saberes ancestrais, que muitas vezes se torna um fazer invisível e em reconhecimento, conforme relatos expressos nas entrevistas, e por meio da criação do espaço de cultivo de plantas medicinais na escola, para solidificar a ação em prol da comunidade escolar. O opúsculo produzido, encontra-se em acervo na biblioteca da escola.

Mulheres e meio ambiente sempre tiveram conexões fortes desde o princípio da atividade humana no mundo. Porém, buscar pelos seus direitos no mundo moderno não é só perseverar o fato de poder existir, mas sim, ter mais espaços de ocupação na sociedade. É ter voz e poder ser ouvida. A equidade de gênero, nesse sentido, mostra-se eficaz quando damos oportunidades para àquelas que são, e que poderiam ser esquecidas, mostrarem seus valores.

Explorar o que já foi descoberto pela ciência é uma dádiva do momento presente, sendo imprescindível olhar para o futuro que possuirá ainda muito mais avanços científicos, mas também, é importante olhar para trás, perceber quem apoiou o início do desenvolvimento da medicina popular até os dias atuais, propagando saberes úteis e eficazes passados ao longo das gerações.

Logo, impactar o mundo não está somente atrelado a grandes descobertas, mas sim, em fazer a diferença na vida daquelas que precisam ser vistas e destacadas pelos fazeres invisíveis realizados. É poder contribuir e auxiliar para o bem estar de uma comunidade e conviver com seus espaços de ocupação justos. É ser e estar em conexão com a natureza. Esta pesquisa encontra-se em andamento através da conservação e ampliação do espaço de cultivo. Pretende-se explorá-la e ampliá-la de acordo com as potencialidades que surjam no espaço escolar.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, S. E. O. *et al.* Estudo etnobotânico de plantas medicinais na comunidade Várzea Comprida dos Oliveiras, Pombal, Paraíba, Brasil. **Revista Verde de Agroecologia e Desenvolvimento Sustentável**, Mossoró, v. 7, n. 3, p. 46-52, jul./set. 2012.

BORTOLUZZI, M. M. *et al.* Efeito fitoterápico de plantas medicinais sobre a ansiedade: uma breve revisão. **Research, Society and Development**, Vargem Grande Paulista, v. 9, n. 1, p. 1-13, 2020.

LOPES, M. A. *et al.* Estudo das plantas medicinais, utilizadas pelos pacientes atendidos no programa "Estratégia saúde da família" em Maringá/PR/ Brasil. **Revista Brasileira de Plantas Medicinais**, Campinas, v. 17, n. 4, p. 702-706, 2015.

MADEIRA, A. A. S.; LIMA, C. R. Estudos etnofarmacológicos de plantas medicinais utilizadas no Brasil: revisão de literatura. **Cadernos de graduação, Ciências Biológicas e da Saúde**, Maceió, v. 3, n. 1, p. 69-76, 2015.

MINEIRO, Márcia; SILVA, Mara A. Alves da; FERREIRA, Lúcia Gracia. PESQUISA QUALITATIVA E QUANTITATIVA: imbricação de múltiplos e complexos fatores das abordagens investigativas. **Revista Momento – diálogos em educação**, v. 31, n. 03, p. 201-218, set./dez. 2022. E-ISSN 2316-3100. DOI: <https://doi.org/10.14295/momento.v31i03.14538>.

MOTA, Maria Cecília de Moura. **A relevância do Ecofeminismo**: as políticas públicas voltadas à mulher brasileira. São Paulo: Dialética, 2023.

PEREIRA, G. M. Etnobotânica no Brasil: uma reflexão histórica. **Scientia Naturalis**, Rio Branco, v. 5, n. 2, p. 913-924, 2023.

PIMENTA, T. S. Curas, rituais e amansamentos com plantas entre escravizados e libertos no Rio de Janeiro, entre as décadas de 1810 a 1850. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas**, Belém, v. 17, n. 1, p. 1-13, 2022.

SALES, M. D. C. *et al.* Etnobotânica e etnofarmacologia: medicina tradicional e bioprospecção de fitoterápicos. **Revista Salus Journal of Health Sciences**, Vitória, v. 1, n. 1, p. 17-26, out./dez. 2015.

SILIPRANDI, E. Ecofeminismo: contribuições e limites para a abordagem de políticas ambientais. **Revista**

Agroecologia e Desenvolvimento Rural Sustentável, Porto Alegre, v. 1, n. 1, jan./mar. 2000.

SILVA, A. R. *et al.* Desenvolvimento de comprimido a base do óleo essencial de *Lippia alba*. **Research, Society and Development**, Vargem Grande Paulista, v. 9, n. 7, p. 1-14, 2020.

SILVA, F. J. S.; SILVEIRA, A. P.; GOMES, V. S. Plantas medicinais e suas indicações ginecológicas: estudo de caso com moradores de Quixadá, CE, Brasil. **Revista Brasileira de Biociências**, Porto Alegre, v. 14, n. 3, p. 193-201, jul./set. 2016.

SOUZA, J. B. P. *et al.* Interações planta medicinal x medicamento convencional no tratamento da hipertensão arterial. **Infarma Ciências Farmacêuticas**, Lago Sul, v. 29, n. 2, p. 90-99, 2017.

VIEIRA, B. B.; AZEVEDO, M. A. M. A. A etnobotânica e o ecofeminismo em prol da conservação ambiental. **Diversidade e Gestão**, Três Rios, v. 2, n. 2, p. 178-188, 2018.